

Para lá onde o amor nasce. Reflexões a partir do pensamento de Franco Fornari

Lidia Leonelli Langer,¹ Milão

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o amor a partir de uma releitura do pensamento de Franco Fornari à luz da sua última teorização, que identifica na vida intrauterina e no parto-nascimento a origem e o cerne da vida psíquica em todas as suas manifestações. Nessa perspectiva, o amor pode ser compreendido como a poderosa força motriz, a expressão da alma que, por meio de movimentos contínuos de transferência, nos impele desde o nascimento a procurar o bem experimentado no útero, simbolizando-o e procurando revivê-lo por meio de cada experiência. Ele se traduz em infinitas maneiras e age voltado para o presente e para o futuro, em função da própria vida, do outro e da humanidade. Para que isso possa acontecer, é necessário que, por meio da ativação da paranoia primária, a função paterna dê conta da violência e da dor vividas no trabalho de parto (travaglio²) e no parto-nascimento. É necessário que ela lhes dê um significado e um sentido, garantindo que a separação existe em função da vida. De fato, a violência e o ódio, que com frequência obstruem a experiência de amor, têm origem no insucesso da paranoia primária e na permanência de uma sensação de culpa inconsciente associada à dificuldade de aceitar que, embora vida e morte sejam dadas ao mesmo tempo, todos nascem para viver.

Palavras-chave: amor, vida intrauterina, parto-nascimento, violência, morte, paranoia primária, recalçamento cognitivo, coinemas³, códigos afetivos, alma.

¹ Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e membro da *International Psychoanalytical Association* (IPA).

² N.T.: A palavra *travaglio* possui mais de um significado: trabalho de parto, tormento, aflição, dor. Neste texto, a autora refere-se ao primeiro significado.

³ N.T.: Fornari indica com o termo *coinema* as menores unidades de significado dos afetos.

1. Sejamos realistas: procuremos o impossível (Che Guevara)

Viver o amor abraçando-o por inteiro é uma tarefa impossível; no entanto, é o que todos nós aspiramos. Até mesmo falar do amor é uma tarefa impossível, e é isso que tentamos.

A injunção paradoxal, que nos diz para buscar o impossível, parece acompanhar toda a nossa vida. Como nos lembra Franco Fornari (1981), já podemos encontrá-la no *dilema obstétrico*: a extrema dificuldade de nascer, determinada pelo aumento do crânio e pelo encolhimento da bacia, seguidos do alcançar da posição ereta e o desenvolvimento da linguagem. Ao que parece, a projeção em direção ao alto – tanto para liberar as mãos para tentar pegar e modificar a realidade do mundo, quanto para lançar com a palavra pontes simbólicas pelas quais é possível com-prender o mundo para habitá-lo – determinou a condição particular do recém-nascido humano, que nasce prematuro e incapaz de viver se não for socorrido. No entanto, ele nasce simultaneamente dotado de uma competência inconsciente inata, com a qual procura conhecer e compreender o outro para suscitar respostas que o ajudem a manter-se vivo. Essa *condição de falta constitutiva* (Fornari, 1985) caracterizará a vida psíquica do homem, que nasce incompleto e, mesmo sem sabê-lo, procurará para sempre a completude, sem que possa alcançá-la. Nasce não finito e procurará o infinito. Daí se origina o seu contínuo ímpeto de simbolizar, de lançar pontes que o levem além, de deslocar sempre mais para adiante a fronteira do não conhecido sem nunca conseguir conhecê-lo completamente.

O parto-nascimento, que dá início à vida, põe fim à condição de vida anterior, também habitada pelo paradoxo. O sentimento de existir, na verdade, tem suas raízes na vida intrauterina. Exatamente lá, onde sujeito e objeto coincidem, se radica a possibilidade de se tornar e de ser si mesmo como um ser separado. Semelhantemente, os primeiros clarões de todo conhecimento, compreensão, comunicação, fundam-se em uma experiência de acomunamento, em que padecer é com-padecer, a paixão é com-paixão. Contudo, a disponibilidade materna, primeiro socorro necessário à sobrevivência, enquanto funda o acomunamento prepara a separação, necessária à vida. O ser humano encontra-se, dessa forma, na situação dramática inconsciente de viver e de tentar integrar situações antagônicas, nas quais tende a estar em comunhão com o todo, e ao mesmo tempo tende a estar separado para tornar-se si mesmo. Por toda a vida, ele será agitado por um inconsciente que tenta alcançar, a partir de uma condição de separação e projetado no futuro, a vivência de união total já experimentada no útero. O amor é justamente a força

que impele para esse impossível, a fim de torná-lo possível na realidade, ao menos em parte.

2. O feliz evento e o evento

O parto-nascimento é um evento violento, mas é o *feliz evento*. Assemelha-se talvez ao *evento* de que fala Derrida (2002 *apud* Di Martino 2012), que o apresenta como a *vinda do impossível*, que não se deixa prever, como o *chegante absoluto* que cai de rompante sobre nós e ultrapassa a nossa possibilidade de acolhê-lo. Portanto, é também aquilo que de absolutamente novo chega com o recém-nascido, que, por mais que seja esperado, dá início a uma nova vida que, dia por dia, transforma também a nossa (Di Martino, 2012). É o que traz consigo o paciente, que momento a momento se transforma e nos transforma como analistas e como pessoas.

O paradoxo do evento evoca, portanto, o paradoxo da vida, no seu contínuo nascer a cada instante. Nessa perspectiva, buscar e viver o impossível faz parte da própria realidade em que vivemos e torna-se possível, desde que aprendamos a pôr em prática um pensamento que saiba olhar além das evidências para vislumbrar o novo que vem vindo, e que também saiba seguir os seus rastros (Di Martino, 2012). Acho que esse pensamento poderia assemelhar-se àquele saber reconhecer a propensão em direção ao além, que habita o nosso inconsciente e atravessa cada uma de nossas experiências, projetando-as para o futuro à procura da vivência da experiência originária (Fornari, 1984). Um sonho nos conduz, mas vivemos ancorados à realidade. Para viver é de fato necessário não *se atirar de cabeça* onde é melhor *caminhar na ponta dos pés* (Fornari, 1969). O nosso pensamento caminha, assim, em zigue zague, voltado para o além, mas com os pés bem plantados na realidade histórica em que vivemos. E, se somos tentados a institucionalizar o evento e a fixá-lo em teorias, é porque precisamos de ancoragens às quais possamos nos agarrar para habitar o mundo e a concreta historicidade das nossas vidas. Entretanto, é necessário estarmos conscientes do risco que corremos ao habitar as instituições e não saber mais viver o evento. Acredito que o esforço contido na teorização de Fornari tenha sido o de perceber o *evento* ancorando-o sempre à história da vivência presente. A sua teorização oscila assim, como de resto faz o nosso pensamento, entre ancoragem racional, que às vezes pode parecer definitiva demais, e abertura para uma dimensão de contínuo nascimento. De forma semelhante, Bion (1963) procurou, em dado momento, ancorar à Grade o que parece escapar a qualquer definição, mas o seu pensamento, que eu imagino ser habitado pela *memória do futuro* e pelo *sonho* (Bion, 1975), não ficou ali enredado.

3. Fornari: pensamento e vida caminham juntos

Talvez não fosse necessário, mas pode ser útil contar rapidamente quem é Franco Fornari (1921-1985), sobretudo para os mais jovens.

Médico e psiquiatra, iniciou a sua formação psicanalítica e o trabalho clínico nos anos do segundo pós-guerra. A sua contribuição à pesquisa psicanalítica nasceu e se desenvolveu nesse enquadramento histórico, também como resposta ao trauma da Segunda Guerra Mundial e da explosão atômica, que o levou a interrogar-se sobre a natureza do homem e sobre a origem do mal.

Por outro lado, o enquadramento cultural era constituído pelo pensamento de Klein – que ele próprio havia introduzido na Itália –, a partir do qual realizou a sua primeira pesquisa sobre a origem da vida psíquica e a psicose. *La vita affettiva originaria del bambino* (Fornari, 1963) e *Nuovi orientamenti della psicoanalisi* (1966a) contêm parte de sua reflexão sobre esses temas. Porém, foi principalmente a sua reflexão sobre o fenômeno da guerra no período da era atômica, contida em *Psicanálise da guerra atômica*, de 1964, e em *Psicanálise da guerra*, de 1966c, que o fez conhecido na Europa e no mundo. Estava convencido de que o pensamento psicanalítico podia ser um poderoso instrumento a serviço da convivência, e na Itália contribuiu para o nascimento de um verdadeiro movimento pela paz. No final dos anos sessenta, o seu empenho o levou a participar da conferência da ONU sobre a paz, em Nova York, e a tornar-se membro do comitê mundial de pesquisa sobre a paz.

A sua visão da guerra, que nessas obras ele explica como exportação paranoica do luto, evoluirá ao longo dos anos junto com a evolução da sua teorização. A partir dos anos setenta, em um contínuo confronto com o pensamento de Freud, com o debate suscitado pelas discussões controvertidas e com o pensamento de colegas e autores contemporâneos, Fornari deu impulso a uma intensa atividade de pesquisa no âmbito clínico, institucional e social, que o levou a desenvolver uma linha de pensamento até então desconhecida. Por meio de etapas sucessivas, partindo da prática clínica, do estudo dos mitos e sobretudo da análise dos sonhos de mães em gestação, chegou a formular a teoria psicanalítica do conhecimento e da linguagem, ou teoria *coïnemica* (Fornari, 1979), a postular a existência dos *códigos afetivos* por trás de toda decisão, e a formular o conceito de paranoia primária (Fornari, 1981).

Essa parte inovadora e fecunda do seu pensamento lança as bases para uma teoria afetiva do conhecimento e do processo de decisão, através da qual é possível ler o declínio das escolhas de vida individuais, institucionais e sociais como tentativas de garantir a sobrevivência do indivíduo e da espécie.

É, porém, a última teorização que dá um sentido totalmente novo e unitário a todas as anteriores. Tendo identificado a vida intrauterina e o parto-nascimento como experiências fundadoras e como fantasmas originários, Fornari faz delas a chave de leitura e o ponto de partida para aproximar-se da compreensão de todos os aspectos da vida psíquica individual e coletiva. Isso o leva à releitura e à revisão radical de todo o arcabouço teórico freudiano, que o faz traçar, em *La lezione freudiana*, as linhas *para uma nova psicanálise* (Fornari, 1983).

No momento da sua morte, Fornari estava trabalhando na escrita de um *Trattato di psicoanalisi*. Dois textos destinados a tornarem-se capítulos do *Trattato*, publicados póstumos na Revista de Psicanálise (Fornari, 2005a, 2005b), testemunham seu enorme esforço para tentar reunir em um conjunto orgânico as suas propostas teóricas desenvolvidas no arco de trinta anos.

A nós deixou como herança continuar a buscar pontos de conjunção e ligações, para tentar levar o seu pensamento ainda mais além. O livro *La riscoperta dell'anima* (1984) indica o ponto a que havia chegado a sua pesquisa, e ao mesmo tempo o ponto de partida para levá-la adiante.

4. O labirinto, a planta e o monstro

Desde que comecei a pensar em o que escrever sobre o amor, me encontrei vivendo em primeira pessoa uma experiência relacionada ao tema. Vaguei por muito tempo, fascinada mas também às vezes perdida e um pouco angustiada, dentro de uma trama de pensamentos de muitos autores, como que dentro de um labirinto. Entrevia ligações que pareciam levar a novos horizontes, mas que depois se desvaneciam. Procurei, então, mesmo com dificuldade, seguir as sugestões de Bion (1977) encontradas em três breves trabalhos inéditos, publicados em inglês e oferecidos como presente aos participantes da Conferência Internacional realizada na Itália, em 1997, por ocasião do centenário do seu nascimento, e posteriormente traduzidos em italiano e publicados por Francesca Bion em 2012. Observando o que me acontecia, procurei respeitar as informações que ia reunindo no estado mental de ignorância em que me encontrava. Procurei *domesticar* pensamentos *selvagens* e acolher pensamentos *errantes* e também os que tinham *o nome e o endereço* do proprietário (Bion, 1977). E o fiz com tal intensidade, que muitas vezes não sabia mais por quem tinham sido pensados; era como se tivessem sido meus desde o início. Revisitei a obra de Fornari e a interoguei em um contínuo diálogo, chegando a formular pensamentos que às vezes não sei mais se eram seus ou se vieram a mim em resposta aos seus. Gradualmente reconheci em mim uma

vivência de gestação, dentro da qual aqueles pensamentos tornaram-se o húmus no qual tomaram forma alguns pensamentos recém-nascidos, que vou procurar tornar comunicáveis e fruíveis. Essa será a minha forma de expressar gratidão, procurando retribuir à comunidade o que dela recebi. Dessa maneira, o labirinto se transforma em rede, berço, útero. E o que escrevo, que aprofunda suas raízes no pensamento de todos, torna-se fruto de todos.

Entretanto, quanto mais estudo, mais encontro a minha ignorância e receio me expor colocando-a a nu. Isso me faz sentir indefesa como o recém-nascido que vem ao mundo, ou como Adão e Eva depois que comeram da árvore do bem e do mal. Essa última é uma nudez consciente, que causa pudor e vergonha. Mas é uma vivência bem diferente da do rei da fábula, cheio de si no seu suposto traje precioso, que não queria, tolo, admitir que se via nu para não ser descoberto na sua pequenez, sendo exposto à vergonha pública por um menino. É a vivência do menino que nasce a si mesmo.

Fornari (1984) dizia que *co-nhecer é co-nascer*.⁴ Observando como a mãe se identifica com o recém-nascido para procurar conhecê-lo *desde dentro*, havia já conjecturado que esse tipo de conhecimento, radicado nas camadas mais profundas da disponibilidade afetiva, mesmo sendo pré-científico, constitui *o modelo do conhecimento científico* (Fornari, 1963) a que a psicanálise se propõe.

Anos depois, vendo nos sonhos das mulheres grávidas que a mãe se identifica com o feto e sonha ela mesma que está nascendo, chegou a afirmar que existe “uma estranha relação entre gerar pensamentos e gerar filhos” (Fornari, 1981, p. 286), na medida em que “o sujeito constituir-se-ia gerando pensamentos do mesmo modo que a mãe torna-se mãe gerando filhos” (*Ibid*). Assim, em um ulterior paradoxo da vida, como não existe gestante sem feto, não existe gestante que não seja, ela própria, feto e fruto de uma gestação coletiva. Na verdade, não somos nós que criamos filhos e pensamentos; nós podemos acolhê-los, conscientes de sermos, nós próprios, contidos e inseridos em um processo criativo maior do que nós.

Ter escolhido como fio de Ariana o pensamento de Fornari talvez me facilite a tarefa impossível de falar do amor, e ao mesmo tempo me complique. O seu pensamento, na verdade, desenvolveu-se em muitas direções, tanto que ele próprio se assemelha a um labirinto, imagem que lhe é tão cara. Pode-se começar do início ou do fim: de qualquer maneira, chega-se ao labirinto, e o seu centro é tanto ponto de chegada quanto ponto de partida. No labirinto, o ingresso e a saída coincidem, e isso pode fazer com que se experimente uma sensação de vertigem.

Nas representações do labirinto, há frequentemente uma planta, símbolo do feto no útero, mas sabemos que cada labirinto encerra também um monstro.

⁴ N.T.: No original, há um jogo de palavras irreproduzível em português: *co-noscere é co-nascere*.

Portanto, é preciso ter coragem para entrar no labirinto e começar a percorrê-lo, mas é necessário fazê-lo porque o labirinto existe somente se há alguém que o percorra.

No labirinto, podemos ver representado o lugar da vida intrauterina e simultaneamente o canal do parto. Fornari (1981) supõe que o monstro poderia representar a criança monstruosa que se teme parir, ou o pai no qual é depositada toda a violência. Ou, talvez, seja a própria violência do útero no momento do parto aquele evento fundamental, divisor de águas entre dois labirintos diversos e complementares, cisão e zíper entre um antes e um depois, chave interpretativa em torno da qual tudo se estrutura.

Poderíamos ainda ter como hipótese – e acho que essa visão se conjuga com todas as outras hipóteses – que o monstro represente que os nossos filhos, como planta, não são nossos, mas “são os filhos da fome que em si mesma tem a vida” (Gibran, 1923, p. 39), que continuamente faz nascer e crescer seres vivos que devora para alimentar-se. Nós realmente recebemos ao mesmo tempo vida e morte, naquela que é a situação paradoxal primária. E assim é impossível falar do amor e da vida sem falar, de vez em quando, em voz baixa, da morte para nós mesmos. A vida e a morte se originam juntas, lá onde a planta e o monstro convivem. Mas talvez o monstro não seja assim tão monstruoso. O poeta acrescenta: “Vós sois os arcos de onde os filhos, as vossas flechas vivas, são arremessados para longe”. E convida: “Que vosso encurvamento *na mão do arqueiro* seja vossa alegria: pois assim como ele ama a *flecha* que voa, ama também o arco que permanece estático” (*Ibid*).

Talvez o monstro seja, como no conto de Duerrenmatt (1985), um ser “condenado a não ser deus, nem homem, nem animal, mas sim somente minotauro, culpado e não culpado ao mesmo tempo” (p. 27). Encerrado no labirinto de espelhos construído para protegê-lo dos homens e para proteger os homens dele, dança em busca de si mesmo, até que a espada de Teseu, mascarado de Minotauro, o fere mortalmente. “Depois, antes do sol, vieram os pássaros” (*Ibid*, p. 59). Talvez a vida seja o labirinto em que todos nós dançamos e amamos, com a nossa animalidade, a nossa humanidade e a nossa deidade reunidas e ainda incompletas, que esperam para levantar voo.

5. O limite para poder iniciar

Ter-me proposto a escrever um texto constituiu, portanto, a circunstância histórica que deu início a uma vivência de gestação, carregada das angústias e das fantasias que acompanham qualquer início e qualquer projeto criativo. Existe a angústia de ficar preso no labirinto, de não conseguir dar à luz, e simultaneamente

de não vir ao mundo. Pode ser acompanhada da fantasia de permanecer naquele estado de eterna gestação, *reino das mães* (Fornari, 1981), em que tudo parece possível. E assim, oscilando entre claustrofobia e *claustrofilia* (Fachinelli, 1983), corre-se o risco de não começar.

Existe a *angústia genética*, (Fornari, 1981) que acompanha todo processo criativo, biológico ou cultural. Teme-se dar à luz um produto deteriorado, que poderá sofrer e fazer sofrer. A ela se acompanha e contrapõe a fantasia de dar à luz um pensamento-criança-messias, sem sombra nenhuma, que lançará luz sobre tudo. Mesmo assim, oscilando entre uma e outra, corre-se o risco de não começar. Há também a angústia de não saber encontrar as palavras para falar de uma experiência inefável. A ela se acompanha a fantasia de que seja possível dizer o indizível, presumindo que se possa possuí-lo inteiramente. E oscilando entre mudez e presunção da verdade, corre-se o risco de não começar.

Mas dentro de tudo isso, vai abrindo caminho o impulso vital, e nesse contexto começa a se destacar e a tomar forma uma nova potencialidade. Saber aceitar o limite, o próprio, o de cada palavra e de cada assunto, de cada experiência e ato, para acolher o não ainda conhecido que irá se desenvolver, é o seu pressuposto. E talvez isso seja amor.

6. Conhecer através do inconsciente

Como tentei dizer através das palavras desse texto, as palavras, a narração e a teoria mesma são sempre também metáforas de um significado inconsciente. Qualquer um que se encontre diante de um início, independentemente do sexo, da idade e da fase da vida, e portanto também o próprio Fornari na sua teoria, que define um *advento* de certa importância para a transmissão do saber psicanalítico (Fornari, 1981), onde encontra-se simultaneamente feto e gestante, inserido no projeto gerativo que o supera. Se, porém, quer-se dar início a uma nova história, é necessário que se saia disso, através de um fato selecionado (Bion, 1962).

Depois de se ter saído, põe-se a questão de como se fazer entender. Há de fato experiências difíceis de serem traduzidas em palavras, para as quais precisamos de uma dupla tradução, primeiro para nós mesmos e depois para o outro. E se traduzir sempre é um pouco como trair; essa é a única possibilidade que temos de levar adiante o conhecimento, projetando-o no futuro (Leonelli Langer, 2006). Aprender pela experiência exige podê-la traduzir simbolicamente e poder refletir sobre ela, vendo-a refletida no encontro com o outro.

Segundo a teoria *coinemica* (Fornari, 1979) e a teoria dos *códigos afetivos* (Fornari, 1981), formuladas a partir da centralidade da necessidade-desejo de sobrevivência como organizadora da vida psíquica, essas traduções se apoiam em bases naturais, e, portanto todos somos bilíngues, continuamente falados e agitados pelo nosso inconsciente. Diferente do inconsciente freudiano baseado no conceito de recalçamento, o inconsciente aqui conjecturado é um inconsciente voltado para o futuro, dominado pela tendência a significar, a representar, a escolher e a prescrever em função da vida (Fornari, 1983). É um inconsciente onírico sempre presente e operante, escondido graças à ação do *recalçamento cognitivo*, necessário para que se possa agir permanecendo ancorado à própria realidade histórica. Ele transfere a linguagem do sonho para a linguagem da vigília, a fim de nos permitir conhecer o mundo para poder habitá-lo.

Saindo do labirinto uterino, o recém-nascido se debruça no labirinto do mundo, impelido pela tarefa inconsciente primária, que é tarefa de amor, de viver e de levar adiante, com a própria vida, a vida da humanidade. Leva inscrita no próprio corpo uma competência cognitiva, afetiva e decisória inata e inconsciente com o fim de desenvolver essa tarefa, que o acompanhará para sempre. Por meio de um saber inconsciente natural inato, lê oniricamente as experiências que vive, e usa as emoções e os afetos como sinais de vida ou de morte, em função da própria sobrevivência e a da espécie. Traduz a multiplicidade daquilo que encontra por meio das poucas chaves de interpretação que possui desde o início, os *coinemas*, que correspondem aos denotados simbólicos do sonho. Por meio dos *erotemas* que dizem respeito ao corpo (corpo, nudez, órgãos sexuais, ato sexual) e os *parentemas* que se referem às relações de parentesco (mãe, pai, filho, irmão), relacionados aos *coinemas* do nascimento e da morte, a criança torna o mundo semelhante a si e familiar, para poder habitá-lo (Fornari, 1979, 1981), entrando na história da humanidade.

Cada um nasce, portanto, bilíngue. Ao mesmo tempo tornamo-nos, todos, plurilíngues. O pensamento que se torna palavra é de fato nosso e nunca inteiramente nosso, porque nasce sempre do encontro com o outro. Em muitos outros que encontramos, com as suas línguas e as suas culturas, há estrangeiros e familiares juntos; e, através da competência afetiva inconsciente, linguagem comum a todos, podemos tentar entender e fazer-nos entender. Viemos todos do centro do labirinto, ponto de encontro de infinitas ligações, nascidos para viver e para sobre-viver, levando a vida além.

7. A presença boa, o *self* fetal e a alma

Em *La vita affettiva originaria del bambino*, Fornari (1963) havia imaginado que já no nascimento estaria presente um Eu rudimentar que deixa rastros do trauma do parto, e que o recém-nascido seria desde logo agitado por uma intencionalidade, primeiro organizador da vida psíquica, que o leva a buscar ativamente a mãe não somente para se nutrir, mas também quando está satisfeito. Isso aconteceria sob o impulso da necessidade de reencontrar, através da mãe, uma vivência psíquica – que Fornari chama de *presença boa originária* – que se anima através da vivência, ainda sem sujeito e sem objeto, no seio real. Na ausência prolongada da vivência no seio real, que provoca vivências persecutórias, constituir-se-ia, ao contrário, a *presença ruim originária*, que Fornari (1963) compara ao medo do desconhecido, no qual é colocada a angústia associada à ausência.

No Congresso *La nascita psicologica e le sue premesse neurobiologiche*, (Bertolini, 1984), Fornari expõe o seu pensamento sobre o núcleo mais arcaico do sujeito que, nessa ocasião, chama de *self originário* ou *self fetal* (Fornari, 1982), e apresenta a sua hipótese mais inovadora e original, segundo a qual a vida psíquica teria raízes na experiência intrauterina.

Em um discurso revolucionário, a que me referi (Leonelli Langer, 2014), apresenta a hipótese de que o núcleo originário e natural da subjetividade autorreflexiva estaria na identificação primária do feto com o *self gestante da mãe*, e sugere que o protótipo de todo conhecimento empático posterior (*en-pathos*, que sente dentro) estaria na identificação primária com a capacidade da mãe de sentir, através da cenestesia, o seu filho, outro de si, mas também, ao mesmo tempo, parte de si.

Propõe, ainda, a hipótese de que a vivência de ser contido e a identificação primária com a continência materna constituem a base biológica para a constituição da mente, e utiliza a figura da *matriosca*, que aparece nos sonhos de gravidez, para descrever essa relação continente-contido. A figura da *matriosca* pode-se prestar ainda para representar a recíproca continência entre mãe e feto no próprio sonho. O feto, nos últimos meses, expressa realmente uma capacidade inata de sonhar alternando-se ao sonho da mãe, talvez através do acendimento periódico endógeno de luz, como um pequeno vagalume. E talvez seja justamente no recíproco alternar-se de sono tranquilo e de sono ativo, dentro desse diálogo onírico com a mãe que durante o sonho é ativada a competência afetiva para conhecer o mundo, indissolúvelmente conectada às mais arcaicas experiências corporais. E, podemos acrescentar, talvez esse diálogo esteja na base da *rêverie*.

Lembro da minha emoção ao ouvir a formulação desses pensamentos, que – embora nessa época eu ainda não soubesse – iriam me acompanhar ao longo dos anos. Em mais uma audácia do pensamento, poderíamos tentar imaginar a figura do duplo combinada com a da *matriosca*, para tentar expressar o paradoxo de ser simultaneamente si mesmo e o outro em uma continência recíproca feita de sonho e de pensamento vigilante ao mesmo tempo, na qual estaria radicado todo conhecimento afetivo e cognitivo, inconsciente e consciente, simultaneamente presentes e incidíveis.

Daqui para frente, no pensamento de Fornari entra progressivamente *a alma*, “aquela senhora de vestes luminosas cujo rosto não conseguimos enxergar” (2005a, p. 182), “potência paradoxal e, portanto, relativamente incrível” (1984), que é estimulada a conhecer e a utilizar as coisas do mundo “porque sem elas não pode sonhar” (*Ibid*, p. 185). Ela vive peregrina no cume entre dois mundos, o pré-natal e o pós-natal; e, *habitada por uma intencionalidade afetiva*, irá procurar em todo lugar os rastros da vivência intrauterina, *presença boa originária*. Agitado pela intencionalidade afetiva que habita *a alma*, o recém-nascido encontrará paz no seio e no som da voz materna, pois reencontrará no mamilo o dedo que chupava no útero e o som da voz da mãe que ali o alcançava. Tornado criança e adulto, poderá assim encaminhar-se ao mundo e à vida procurando e encontrando em cada experiência rastros do bem vivido na experiência originária, e isso irá reforçar a sua confiança. Conforme essa visão, nós, que não podemos falar da inefável experiência intrauterina, nos deixamos – porém inconscientemente – guiar no labirinto da vida pelo fio vermelho do desejo de reencontrar a voz da mãe, primeiro significante da vivência do bem, seja na escuta dos sons e das palavras, seja ao reproduzi-los. A voz materna é o *símbolo mnêmico originário* daqueles *estados afetivos puros* vividos no útero, onde o sonho é um sonho de luz e onde “ser se manifesta como satisfação total da necessidade” (Fornari, 2005b, p. 192). Na vida intrauterina é, portanto, posta a semente daquela alma que, a partir da cisão do parto/nascimento, servirá sempre de ponte, permitindo viver abrindo-se a novas e indefinidas realizações.

Daqui em diante, torna-se cada vez mais explícita a intenção de Fornari (2005a) de “fundar uma nova teoria psicanalítica que se propõe compreender a vida pós-natal, em relação às vivências pré-natais” (p. 186). O conceito de *transferência onírica*, que inicia no momento do nascimento, está na sua base.

8. Transferência onírica e fé primária

Nessa perspectiva, não é mais possível imaginar que o pensamento nasça somente a partir da ausência, porque ela se torna para o recém-nascido presença ruim que provoca angústia e evacuação. Mas a experiência da ausência pode ser transformada em vivência da *presença boa originária* através do socorro e da *reverie* da mãe, que permite à criança fazer sua, com base em antigos rastros de identificação, a capacidade da mãe de sonhá-la, expandindo assim a sua originária capacidade de pensamento.

A capacidade de simbolizar, de pensar, de agir e, em última análise, de viver é, nessa perspectiva, habitada pela *transferência onírica*, e é sustentada por uma *fé primária* na existência do bem, radicada na experiência do bem experimentado na vida intrauterina, continuamente buscado e recuperado através da vivência de experiências boas, que mantêm viva a esperança.

Assim, o mamilo que evoca a sucção primária do dedo no útero, o som da voz da mãe, a continência seio-braço, o banhozinho e qualquer cuidado amoroso fazem com que o recém-nascido supere a frustração, recuperando momentos de paz e de contato com o núcleo do *self* originário (Fornari, 2005b). Em uma situação de tranquilidade reencontrada, desenvolve-se gradativamente a capacidade de pensar e de conhecer o mundo para habitá-lo, em um contínuo enredo e confronto entre conhecimento onírico e conhecimento operativo. Desenvolve-se também, suspensa entre presença e ausência, a capacidade de simbolizar a realidade e de falar sobre ela. E todo discurso terá para sempre ao fundo um discurso inconsciente, que verterá sobre a forma de cumprir o dever de viver e de fazer viver, que nos é confiado quando nascemos.

Entretanto, para que isso aconteça, o conhecimento onírico deve continuamente confrontar-se com a realidade, a ordem da noite com a ordem do dia, porque o pensamento se desenvolve no cume que separa e une o reino da mãe e o reino do pai. Esse cume, representado pela cesura do parto-nascimento, é, no entanto, também um fronte.

9. A cisão do parto, o terrificante não pensável, a paranoia primária

O *coinema* do nascimento se encarna no evento do parto-nascimento, protótipo de toda castração, na qual vida e morte se tocam (Fornari, 1981). Pelas características físicas do parto, a vida começa em uma vivência persecutória e em um universo fantasmático habitado pelo fantasma da morte. Enquanto a mãe é

atravessada por angústias paranoides e depressivas ligadas ao perigo de sofrer ou de dar a morte, o nascituro é presa de uma experiência catastrófica proveniente de um interno externo não diferenciado, ao qual ele não sabe dar sentido. Ou seja, é presa do *terrificante não pensável* (*Ibid*), que é o protótipo de toda angústia sem nome. Nessas bases, caracterizadas por persecutoriedade recíproca e luto, seria impossível a instauração da simbiose, necessária à sobrevivência. Eis, então, que os códigos afetivos, centrais de significação e de decisão inconscientes, ativam-se em uma leitura onírica da realidade, para beneficiar a relação mãe-criança, através da *paranoia primária* (Fornari, 1981). Trata-se de um *verdadeiro programa afetivo* (*Ibid*) voltado à sobrevivência do indivíduo e da espécie, que mobiliza o inconsciente de todos os atores envolvidos no evento nascimento. Por meio do seu bom funcionamento, toda violência, toda persecutoriedade e todo perigo de morte são deslocados para o pai (Fornari, 1981). O terceiro separante, porém, não se deixa esmagar por esse fato, mas assume a sua responsabilidade, garantindo que o corte da unidade originária, mesmo constituindo a ferida narcísica primária, é algo necessário e bom em função da vida. Separar a morte do nascimento torna possível a necessária relação mãe-criança, liberando ambos da angústia e da culpa recíproca, e permite ao filho crescer. Segundo Fornari (1981), é justamente nesses primeiros episódios físicos, afetivos e oníricos que estaria o núcleo mais antigo e mais trágico do complexo edípico.

10. Édipo e o paradoxo do conhecimento

Poderíamos dizer que, arrancado do lugar das origens, o recém-nascido, novo Édipo exposto à morte pela família de Tebas, não poderia sobreviver se não fosse socorrido e adotado pela família de Corinto. Talvez possamos ver representados nos dois pais de Édipo, o natural e o adotivo, duas maneiras diferentes de enfrentar o nascimento do filho, que dão origem a duas histórias diferentes, a duas famílias diferentes (De Simone, 2002). Laio não sabe aceitar que o filho percorra a sua vida, porque teme demais a própria morte. É obrigado, assim, a colocá-la no filho, sacrificando-o a si mesmo e ao seu reino como se fosse uma propriedade sua, sobre a qual tem poder de vida e de morte. Embora sendo rei, ele mesmo está assustado, nu como uma criança, prisioneiro de um universo no qual para viver é preciso fazer morrer, no qual há valores, como o reino, que são mais altos do que a vida, e no qual se pretende conhecer, através do vidente, o que é bem e o que é mal. Ao contrário, Políbio, o rei de Corinto, não tem filhos; sem nada a se perguntar, aceita como um presente a criança que os pastores lhe trazem e a ajuda a crescer,

mesmo sabendo que é coxa. Aliás, dá conta do coxear, dando um nome à criança nascida mortal: Édipo, o que tem os pés inchados. Transforma, assim, a culpa de ter nascido e a repara através da simbolização e da cultura, fazendo o filho se sentir querido, *ad-optado*, escolhido para tê-lo próximo.

Podemos, talvez, reconhecer na relação entre as duas famílias, a natural e a cultural, o núcleo central da *paranoia primária*. Ela pode funcionar na família adotiva, cuja força está em saber que os filhos não são criados mas acolhidos, não como propriedade mas para que percorram livres o próprio caminho passo a passo, sem pretender saber antecipadamente o como e o quando. A sua força está na aceitação da morte como parte integrante da vida para todos, sem a necessidade de colocar a sua própria vida em outros sujeitos. Na relação entre as duas famílias, podemos ver representada também a convicção expressa por Fornari (1975) de que natureza e cultura têm necessidade uma da outra. É preciso realmente que elas estejam estreita e indissolúvelmente entrelaçadas, para levar adiante, em conjunto, a vida do indivíduo e da espécie, em uma *contínua transferência da natureza para a cultura* (*Ibid*). A cultura constitui o ambiente necessário dentro do qual a natureza humana pode expressar-se de forma criativa e produtiva. É a ação separante e simbolizante, indissolúvelmente unida à ação socorrista do outro, que possibilita o início do percurso de transferência para o futuro, uma transferência afetiva e cultural ao mesmo tempo, que durará para sempre.

O bom funcionamento da paranoia primária, garantindo a possibilidade de tornar presente o ausente simbolizando-o, torna possível o *fenômeno staffetta*⁵ (Fornari, 2005b), através do qual o recém-nascido, e também o adulto, poderá recuperar, oniricamente dentro da realidade histórica em que está inserido, a experiência pré-natal, protótipo de todo bem; e poderá assim projetar-se confiante rumo a um futuro ignorado, esperando nele encontrar, transformado, o bem perdido.

O bom funcionamento durante toda a vida da paranoia primária, que transforma a suposta culpa de morrer em responsabilidade de viver, possibilita o contínuo processo criativo, que podemos chamar amor, e que nos permite contribuir para encontrar no presente o bem conhecido e compartilhá-lo, fazendo-o caminhar, embora claudicante, rumo a um bem futuro e de todos.

No entanto, para que isso possa acontecer, é preciso não pretender conhecer tudo com antecedência. A ruína de Édipo e da família de Tebas talvez esteja

⁵ N.R.: Estafetas são provas de revezamento utilizadas no atletismo e na natação, e consistem na divisão da distância a percorrer por um determinado número de atletas, cabendo a cada um cumprir uma parte igual do percurso. No atletismo, os corredores têm de transferir um testemunho (um bastão) ao colega que inicia a corrida seguinte, procurando superar a equipe adversária em velocidade e prontidão para passar o bastão.

justamente em consultar o oráculo e o vidente, e em interpretar de forma unívoca uma resposta que foi deixada ambígua.

Outro grande paradoxo é o do conhecimento. Nascemos predispostos a conhecer o mundo para habitá-lo; porém, também nos é pedido para não saber. No hebraico bíblico, a palavra *conhecer* indica uma experiência que envolve toda a pessoa – corpo, alma, sentimento e vontade –, mais ou menos como acontece na experiência amorosa e sexual. Entretanto, no Gênesis encontramos a proibição de comer da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal. Talvez a proibição seja a de querer apropriar-se vorazmente, quase às escondidas, do fruto do conhecimento, em vez de tornarmo-nos nós mesmos fruto e também árvore. A história de Amor e Psiquê nos fala da paixão amorosa que, para existir e se expressar, exige respeitar a proibição de ver o outro. Psiquê não resiste ao desejo de ver o rosto de Amor, aproxima-se com uma lâmpada, e deixa cair uma gota de óleo, que o acorda e o faz fugir. Depois, precisará superar muitas provas, procurá-lo em todos os lugares, sofrer e temer não reencontrá-lo, antes de estar novamente com ele, tornando-se, por sua vez, deusa. Será que Apuleio está nos falando da *alma* e da sua contínua busca amorosa, que nasce exatamente do *vir à luz* que determina uma perda? *Conhecer é co-nascer*. Antes de nascer, há um conhecimento velado, em que não se pode ver o rosto um do outro, acompanhado da espera, da confiança, da entrega, do acolhimento e da aceitação; e a mãe espera, tem confiança e ama também por aquele que, dentro dela, ainda não sabe esperar, acreditar, amar. E a criança acolhida vem à luz esperada e amada. Por meio desse amor, ambos nascem a si mesmos e ao outro.

11. Sexualidade e amor

Lendo a obra de Fornari no seu conjunto, vemos que o amor nasce onde nasce *a alma*: ambos têm *uma ligação com a condição fetal* (Fornari, 1984) e com a situação intrauterina, e não é fácil distingui-los. A sexualidade também é expressão da tensão da alma: a corporeidade erótica e os códigos sexuais masculino e feminino de fato subjazem a ela. Mas a alma se expressa na tensão dialética entre a busca da unidade originária e o fantasma do parto-nascimento. As relações de amor são mais ou menos como *assentar raízes em um outro sujeito* (*Ibid*), e abandonar-se como um ser desenraizado; todavia, frequentemente vemos contrapostos os afetos e o sexo, *o amor sacro e o amor profano* (*Ibid*). E a própria sexualidade pode ter expressões e maneiras diferentes e contrapostas de expressar-se que parecem muito distantes do amor.

Em um primeiro momento, Fornari (1975) utiliza a distinção entre pré-genitalidade e genitalidade, ligada uma à apropriação predatória e a outra a uma relação de troca consensual e simétrica, para explicar o comportamento e as fantasias sexuais da criança, diferenciando-as das fantasias do adolescente e do adulto. Posteriormente, essas duas diferentes modalidades são inseridas dentro da relação de *reciprocidade simétrica* (*vita mea-vita tua; vita tua-vita mea*) contraposta à relação de *reciprocidade antitética* (*mors tua-vita mea; mors mea-vita tua*) (Fornari, 1981).

Se tentarmos estabelecer uma conexão entre as contraposições pré-genitalidade- genitalidade e a reciprocidade antitética-reciprocidade simétrica, teremos um primeiro ponto de encontro entre sexualidade e amor. Nessa perspectiva, a sexualidade genital é simétrica. Baseada no reconhecimento recíproco da própria identidade, na renúncia à apropriação e ao domínio do outro, na troca e na busca do bem de ambos, ela está entre os instrumentos que propiciam a recuperação do bem.

O enamoramento marca o ponto de encontro. E a alma dos enamorados parece levantar voo para levá-los ao sétimo céu.

Os encontros de sedução acontecem em um contexto pré-genital em que os dois enamorados, como dentro da relação mãe-criança, reencontrando o encanto de olhar-se e de beijar-se, têm a impressão de conhecer-se desde sempre e de terem reencontrado a sua outra metade. Daqui nasce o desejo erótico, que impele para o lugar da felicidade (Fornari, 1984). Isso, mesmo acontecendo em um terreno materno que prescreve perder-se no outro, desempenha uma função pré-sexual que permite a instauração da confiança e da ternura, e alimenta a tensão para reencontrar a unidade originária. Porém, para acessar o prazer da feminilidade e da masculinidade no abraço, é necessário não permanecer somente no território materno, e seguir a indicação do *código paterno*, que leva a olhar para frente em direção à sexualidade.

Por isso, os ritos de iniciação sexual prescrevem e descrevem a separação da mãe, com o confinamento e a posterior liberação por parte do pai. É necessário de fato que sejam elaboradas as fantasias de permanecer no continente materno como paraíso perdido, para impedir que ele seja vivido como aprisionante. A relação sexual, que permite entrar e sair livremente, transforma as feridas ligadas ao nascimento não em reinfecção, mas em um novo nascimento para si mesmo, desejado pelo pai, no qual feminilidade e masculinidade se realizam no encontro recíproco. O pai determina a fundação de uma nova unidade que torna presente a unidade originária perdida, embora se distinga nitidamente dela.

Gosto de imaginar que a situação de enamoramento possa tornar-se o modelo para ler cada relação, tensão da alma enamorada, com o outro e com o mundo.

Segundo Fornari (1966b), com a maturação sexual, apresenta-se no adolescente uma força centrífuga que incentiva a busca de novos objetos de amor fora da família. Ao mesmo tempo que sustenta a socialização, essa busca determina uma *reestruturação brusca e ambígua* (*Ibid*) do campo relacional, pois indica o estrangeiro e o desconhecido como objeto de amor, e impõe um afastamento de quem mais se amou na infância. Segue-se uma situação complexa de ambivalência, advinda da obrigação, ditada pelo dever de evoluir, de derrubar o esquema amigoinimigo para poder transformá-lo em novas relações.

O enamoramento leva à superação dessa ambiguidade, e o primeiro abraço genital, intimamente ligado a ele, põe fim ao trabalho psíquico (*travaglio*) adolescente com todas as suas angústias depressivas e persecutórias. No gozo recíproco da relação sexual vivida com amor, fonte de prazer e de bem para ambos, em outro dos paradoxos que entretencem a vida humana, o reencontro acontece em um presente voltado para o futuro, que se torna possível pela separação e pela renúncia definitiva de voltar à união passada. A interdição do incesto pode, então, ser vista nessa perspectiva como expressão histórica da *paranoia primária*. Ela permite dirigir ao futuro, através da transferência que se expressa no transporte amoroso, também a força física e sexual, através da qual se expressa nessa fase a tensão para o bem e a vida.

É nesse ponto, como Ferenczi (1974) já havia conjecturado e como o mito do Andrógino deixa entender, que a sexualidade e *o amor da alma*, se assim o podemos chamar, poderiam propender para a mesma meta.

No mito do Andrógino, diz Fornari (1984) na sua releitura, Zeus corta em dois esse ser pleno ao qual nada falta “para que o homem não fosse tentado pela onipotência e aprendesse o amor” (p. 74), para permitir a sobrevivência da espécie humana. O que Zeus teme de fato não é o incesto em si, mas sim que a humanidade se extinga se o desejo de recuperar o paraíso perdido for mais forte do que a atração sexual geradora.

Segundo Nancy, amor e sexualidade apresentam *uma idêntica necessidade de infinito*. Olhando as muitas e coloridas formas que assume a sexualidade vegetal e animal, ele percebe também a “excitação de uma vida que deseja si mesma, como relação entre os seres vivos, entre as suas gerações e os seus gêneros” (Nancy, 2016, p. 16). Na sua opinião, seria exatamente aquela relação, aquela tensão que se cria entre duas pessoas e as atrai para algo infinito, e que por mais que seja repetida ficará incompleta para sempre, que nós procuramos no encontro sexual do qual não poderíamos abrir mão, nem mesmo se a reprodução não fosse mais dependente dele.

12. Quando o amor faz mal

Amor e sexualidade nascem ambos do fato de terem sido antes enraizados e depois desenraizados; porém, a sexualidade pode ser conotada de formas diversas ou opostas, em relação ao predomínio de *códigos afetivos* decisórios diferentes. Visto que nos sonhos das mães grávidas se evidencia o *conflito entre código feminino e código materno* em função do projeto criativo e do parto/nascimento, Fornari (1985) tende a associar a natureza contraditória da sexualidade principalmente a esse conflito.

Considerada pelo lado materno, a sexualidade seria de fato vivida em função da criação do laço e da sua manutenção, para garantir a procriação e a unidade da família em função dos filhos. Se, ao contrário, ela é desvinculada do projeto gerador, poderia ser usada pela mulher para criar um vínculo com o qual aprisiona o homem depois de tê-lo feito dependente, e filho, em função defensiva contra o próprio medo do abandono e a própria rejeição da maternidade vista como excessivamente vinculante (Fornari, 1985). A sexualidade pode tornar-se causa do *mal da alma* (Fornari, 1981), se a mulher a ser amada torna-se um significante da mãe do parto-nascimento, onde o amor e a violência se confundem, ou se o homem a ser amado torna-se o filho do parto-nascimento, que mata ou é morto.

É preciso, portanto, que o lugar do amor seja beneficiado pelo pai, que faz nascer e crescer, que distingue e decide, que por meio da simbolização e da cultura protege na privação e transforma continuamente a primeira violência em possibilidade de amor e de vida.

Ambos os códigos, o materno e o paterno, habitam *a alma* cujo destino está *intimamente ligado à sexualidade*, mas atribuem a ela dois significados diversos, aliás opostos (Fornari, 1984).

Analisando os mitos da biga alada do Fedro de Platão e o mito do Andrógino, Fornari salienta que no primeiro, em que a alma voltada para o alto *é de genuína marca materna*, a sexualidade representada pelo cavalo preto traz turbulência e violência, ao passo que no segundo a alma de marca paterna põe na criação dos sexos e na sexualidade a sobrevivência da espécie. Logo, o conflito não deve ser entendido como conflito entre corpo e alma, mas entre códigos diferentes que habitam a alma e que se propõem a objetivos diferentes. Se o materno é útil para a sobrevivência do recém-nascido, o paterno torna-se necessário para a sobrevivência do homem e da espécie no mundo, e um não tem sentido sem o outro. Se o materno quer separar a tensão para com a unidade originária da sexualidade para encaminhá-la *no sentido de um nascimento transcendente*, o paterno prescreve a sexualidade necessária para viver (Fornari, 1984). E um não poderia estar sem o outro.

Através da sua união e harmonização, a sexualidade torna-se, ao contrário, “a resposta mais clamorosa para a morte” (Fornari 1978, p. 98). O mal da alma e do homem decorre, nessa perspectiva, da separação de *códigos* necessariamente complementares e do predomínio tirânico de um código sobre o outro. O mal da sexualidade poderia ter origem no desejo de recuperar a união em função da onipotência originária e do poder sobre o outro, e não em função da troca e do amor.

O Eros nasce da privação tanto para o homem quanto para a mulher, mas a paixão amorosa pode trazer felicidade ou desolação total, e o amor pode fazer sofrer muito. Provoca sofrimentos relativos à espera, à incerteza, à distância, à incompreensão, à traição e à saudade. Mas amantes suficientemente capazes de estar sozinhos, de pensar e de tolerar a humana condição de solidão existencial, são capazes de sofrer sem ficar dilacerados e arruinar a relação. Esse sofrimento faz parte da *paixão* da alma enamorada, que sabe usar os sofrimentos do amor para fazê-lo crescer e amadurecer em si. Talvez nos encontremos e nos apaixonemos justamente para crescer através da relação com o outro, inevitavelmente diferente e nunca completamente conhecido, contudo amado exatamente por isso. O amante que sabe sofrer, respeita a liberdade do outro, prefere perdê-lo a mantê-lo prisioneiro ou machucá-lo. Reconhece a própria dignidade e a do outro e a considera um valor que faz superar a desconfiança, mesmo vivendo a aflição da incerteza e a dor do ciúme. Sofre o abandono, mas não desaba. Esse amor se funda no desejo de vida para ambos e não se fossiliza em papéis pré-estabelecidos uma vez e para sempre, mas sabe jogar, e se joga em uma troca contínua de posições recíprocas, nas quais cada um pode deixar-se atravessar por todas as necessidades afetivas, conforme o momento.

Muitas vezes, porém, o amor faz realmente muito mal: acorrenta, aprisiona, enjaula, humilha, mortifica, assassina. É o amor de quem não sabe estar só, porque vive a solidão existencial como abandono e o abandono como morte, sobre a qual não sabe nem mesmo pensar. O desejo torna-se, então, o abrigo de uma necessidade absoluta de dependência total; e, como tal, essa necessidade é posta dentro do outro, e lhe é inconscientemente dada a função de evocar *a potência da ligação* originária, em um *jogo de aprisionamento recíproco* (Fornari, 1985). As terríveis experiências de controle, de violência e de rejeição recíproca nascem exatamente da necessidade de acorrentar de um e de fugir da prisão do outro, em uma contínua e repetitiva troca de posições, que se alternam, porém são sempre iguais, fixas, como em um espelho de duas faces, entre *claustrofobia* e *claustrofilia*, masoquismo e sadismo, morte e vida. E às vezes parece que a única maneira de sair seja a morte de um, do outro ou de ambos. Esses episódios trágicos se desenrolam em um universo materno, em que cada um dos parceiros é alternadamente um, mãe, e o

outro, filho. Não existe o pai, avalista da separação e “portador da fidelidade que dão as relações de honra” (Fornari, 1985, p. 43).

13. Mal cotidiano e mal originário

A alma que nós encontramos cotidianamente não é tão perfeita na sua pureza e na sua beleza, mas é “trabalhada [*travagliada*]⁶ por uma imensa quantidade de males” (Fornari, 1984, p. 108), e isso porque nasce em uma dimensão histórica, dentro de uma densa rede de relações afetivas e culturais, na qual procura reencontrar o bem. “O recém-nascido é vital: está pronto para agarrar a possibilidade que nessa direção a mãe lhe oferece” (Vallino & Macciò, 2004, p. 202), mas as pessoas que o socorrem na sua condição de prematuridade se reportarão a ele usando a sua *competência afetiva inconsciente* como melhor puderem. Dessa maneira, ele encontrará respostas que lhe darão paz e outras que mortificarão a sua vitalidade. Na sua “alternância de propensão a fundir-se e de antecipada tensão rumo à diferenciação” (Borgogno, 2004, p. 12), dirige-se como melhor consegue a quem encontra.

Para viver, agarra qualquer possibilidade, mesmo aquela de ser ele às vezes o socorrista de sua mãe e dos seus pais, por vezes eles mesmos crianças angustiadas que não sabem ajudá-lo e estão se debatendo no seu próprio universo pré-genital. Isso lhe permitirá sobreviver, viver e crescer, e ao mesmo tempo o fará sofrer. Acredito ser esse o nosso mal cotidiano, através do qual se desenrola a vida. Em certo sentido, ele nasce como resposta e defesa daquele que é o verdadeiro mal que *atormenta* a alma.

Relendo Fornari, podemos dizer que o mal originário está no trabalho de parto do parto-nascimento, em que a felicidade primária se transforma em catástrofe primária, habitada pelo terror sem nome, pela angústia primária e pelo fantasma que a vida de um comorte a morte do outro. O mal originário está ali, onde o paraíso da situação intrauterina torna-se o inferno de uma vivência persecutória total, em um cárcere que mantém ligado e ao mesmo tempo expulsa, no qual não se pode ficar e do qual não se consegue sair. O verdadeiro mal está nessa vivência persecutória total, não *beneficiada* pela presença de um terceiro que testemunhe o seu fim e a sua finalidade vital.

Na falta desse terceiro, manifesta-se a verdadeira doença da alma, ligada à permanência de um sentimento de culpa inconsciente associado a ter cometido

⁶ N.R.: A autora quer dizer um trabalho, feito o trabalho de parto, que dura ao longo de um tempo e do qual algo vai nascer. Frequentemente, a adolescência é definida como um *segundo nascimento*.

uma injustiça imaginária. É esse o núcleo da tragédia edípica, que se traduz na fantasia de que nascer signifique dar-se reciprocamente a morte. “Pode, de fato, existir nas mães um misterioso sentimento de culpa pelo fato de fazer a criança mortal” (Fornari, 1981, p. 273). Da mesma forma, pode permanecer na criança o terrível sentimento de culpa ligado à fantasia de ser ela a causa de morte para a mãe e para o pai.

14. Paradoxo originário, situação persecutória depressiva primária e culpa originária

Desenvolvendo ainda mais esse pensamento, acho que podemos hipotetizar que a tragédia de Édipo seja expressão daquilo que é o paradoxo originário da vida, pelo qual nascer significa verdadeiramente iniciar a morrer, e o nascimento do filho significa assegurar a descendência, testemunha a finitude da vida dos pais. E se o terceiro separante, por algum motivo referente à sua história, não é capaz de aceitar o limite da própria vida e não consegue fazer as pazes com a consciência da própria morte futura, não pode servir de ajuda para a mãe, nem conseqüentemente para o filho. Não se ativa, então, a *paranoia primária*, com a sua força beneficiadora. A mãe corre o risco de não conseguir superar o trauma do parto, pondo-se em contato com o *self fetal* onipotente e com o bem por ela mesma experimentado quando era feto. Corre o risco, assim, de não conseguir usar o instrumento privilegiado da comunicação corporal ativada na gestação, que lhe permitiria entender sem palavras e socorrer o seu recém-nascido. Permanece aprisionada na identificação com o *self fetal-criança do trabalho de parto*, com a sua vivência persecutória total, e conseqüentemente não pode nascer como mãe, nem pode acessar a sua própria competência afetiva materna inata para socorrer o filho.

No livro *Colpa e depressione*, Leon Grinberg (1971) formula a hipótese de que o trauma do nascimento provoca o emergir de “uma culpa precoce referida primariamente ao *self* e dotada de uma qualidade intensamente persecutória”, e dá “simultaneamente lugar a sentimentos depressivos ligados à vivência de perda ou dano sofrido seja pelo *self*, seja pelo objeto” (p. 89). Para Grinberg (*Ibid*), essa vivência estaria ligada não só à separação da mãe como também à “perda de partes próprias, entre elas as membranas fetais, o cordão umbilical, a nutrição, e, em última instância, a própria mãe” (p. 89). O lactente, depois do nascimento, buscaria de todas as formas, e especialmente através da relação com o seio, “assegurar-se não somente que o objeto existe, mas que continua a existir como parte dele”. E essa “ilusão de unidade” seria mantida pela “fantasia inconsciente

de onipotência” (*Ibid*, p. 105), baseada no *sentimento oceânico*, predominante nos primeiros tempos de vida.

Na minha opinião, é de extraordinário interesse poder aproximar a hipótese da apresentação e da permanência da *culpa precoce* ao *insucesso da paranoia primária*. Isso tornaria difícil ou impossível sair da desolação total que acompanha o nascimento, e faria perdurar a vivência do tormento, persecutória e depressiva ao mesmo tempo. Assim, seria difícil ou impossível para o lactente reencontrar, através de uma satisfatória relação com o seio, aquele bem experimentado no útero, que talvez possa ser descrito como vivência oceânica, em que não há distinção entre *self* e não *self*. A mãe, na verdade, também permaneceria esmagada pela própria vivência persecutória-depressiva, baseada na perda do feto como parte de si e na perda da própria identidade de gestante. E isso tornaria extremamente difícil ou impossível relacionar-se com o seu recém-nascido e prestar-lhe socorro.

O bom funcionamento da *paranoia primária*, ao contrário, ao ajudar a mãe permitiria e manteria a necessária ilusão de recuperar a unidade originária. O *sorriso dos anjos*, que aparece depois da mamada no rosto do lactente, seria testemunha disso.

Gostaria de enfatizar a concordância e a convergência da hipótese de Grinberg, que Fornari conhecia, pois escreveu a introdução à edição italiana do livro, com a hipótese sobre a contínua busca do bem perdido por meio do uso do conhecimento afetivo inconsciente onipotente e da transferência onírica, possível graças ao socorro materno.

Essa concordância parece conduzir à necessidade da *paranoia primária*, que ativa simultaneamente em todos os atores envolvidos no parto uma fantasia em que a perseguição, talvez dada pela morte imanescente à vida, é atribuída ao terceiro separante, que assume a responsabilidade e se encarrega de transformá-la. Isso propicia a saída do universo da culpa, e a possibilidade de ter livre acesso à *competência afetiva inata, expressa pelos códigos afetivos*, para responder às exigências que a situação apresenta. Nessa perspectiva, a *paranoia primária* permite o luto e a reparação dentro de cada componente do grupo família, que se torna um grupo de trabalho (Bion, 1961), cuja função específica é a de elaborar a mudança, aprendendo pela experiência, deixando-se atravessar pelos *códigos afetivos*, visando à sobrevivência da criança e da espécie.

Somente nessas bases pode ter início a vida cotidiana, mesmo com os seus desgastes, devido a conflitos intrapsíquicos e interpessoais entre códigos. E, dentro dessa vida cotidiana, cada um tenderá inconscientemente para aquele bem já conhecido e perdido, procurado infinitamente e nunca possuído por inteiro. A criança encontrará socorro nos pais e crescerá, e ao mesmo tempo os pais crescerão

através dessa desgastante procura, que é amor pela vida.

Fiquei emocionada ao saber através de Grinberg (1971, p. 192-193) que a última linha de pesquisa desenvolvida por Melanie Klein parece ir nessa mesma direção. Em um dos seus últimos escritos, por ele citado (Klein, 1960), Klein admite que a distinção entre ânsia paranoide e ânsia depressiva é possivelmente esquemática demais, e salienta fortemente o fato de que a ânsia depressiva e a culpa podem também dizer respeito a uma parte do *self*. Além disso, no artigo *Sul senso di solitudine*, apresentado no Congresso IPA de 1959, define a solidão como *o permanente anseio na direção de um estado perfeito inalcançável*.

Parece-me que vislumbro, na grande persistência com que Fornari, Grinberg, Klein e Freud se interrogaram sobre a vida psíquica, o rastro das suas *almas* e do *amor* que deram sentido à sua constante pesquisa, impelindo-os sempre mais além no caminho do conhecimento. Ao formular o seu próprio pensamento, testemunham como ele nasceu formado pelo pensamento e pelos afetos de todos, por meio dos quais a humanidade tende ao infinito.

Sinto até mesmo gratidão pelo fato de não terem completado a sua obra, atingindo ao conhecimento perfeito. A completude não deixa nada a quem vem depois. Quem nos precedeu, ao contrário, nos deixou como herança a possibilidade de fazer a nossa parte, prosseguindo o trabalho e o caminho.

15. A esperança entre sonâmbulos e flautistas mágicos

No período em que me preparava para escrever sobre o amor, assunto sobre o qual há tempos vinha pensando, fiquei muito impressionada com o discurso que Antonio Guterres fez na 72^o Assembleia Geral das Nações Unidas. O nono Secretário Geral disse, entre outras coisas, que o mundo está em frangalhos e que precisamos de um mundo em paz; disse que enquanto a economia global está se tornando cada vez mais integrada, o nosso senso de comunidade global poderia desintegrar-se. Usou palavras que aludem a um *continente global* que corre o risco de se romper. Uma frase me impressionou particularmente: *Não caminhamos como sonâmbulos para a guerra!* (Antonio Guterres, Secretário da ONU, 19 de setembro de 2017). *Como sonâmbulos*, ou seja, sem que percebamos, de forma automática, sem pensar e sem querer, como que sob efeito de um comando sub-hipnótico. Como sonâmbulos que caminham durante um sono, no qual não há o sonho que o protege, nem o pesadelo que faz acordar. O que é realizado nesse estado não constitui uma experiência com a qual se possa aprender, porque acontece de forma cindida.

Lembrei-me da fábula do flautista mágico de Hamelin. Essa fábula fala de

um lugar infestado de ratos que, após muitas tentativas frustradas de desinfestação, é libertado por um flautista que aparece repentinamente. Com a promessa de uma recompensa, ele atrai os ratos com o som da sua flauta e os faz entrar em um rio. Uma vez libertada a cidade, a comunidade recusa-se a pagar-lhe a recompensa estipulada, e então mais uma vez com o som da flauta ele hipnotiza as crianças e as leva para uma gruta de onde ninguém mais as viu sair. Salvou-se apenas uma que, sendo coxa, caminhava lentamente.

Dizem que essa história, que parece ter deixado vestígios no vitral de uma igreja de Hamelin, em uma lápide e no nome de uma *rua do silêncio*, em que era proibido tocar até mesmo por ocasião de cortejos nupciais, seja a transformação de fatos realmente ocorridos em fins de 1200. Talvez esteja ligada à morte das crianças pela peste, talvez ao seu afastamento para que, estando doentes, não infectassem a comunidade, talvez à sua migração à procura de trabalho. São, de qualquer maneira, crianças sem rosto sacrificadas por adultos que não usam o pensamento e evitam o conflito, procurando resolvê-lo com urgência e de forma mágica, com base em uma troca exclusivamente econômica que não comporta *despesa psíquica* ou *custo emotivo*. Apenas uma falta, representada pelo coxear que obriga a desacelerar, e que pode remeter à *capacidade negativa*, permite a uma delas sair da massa, salvar-se e talvez contar essa história (Gaburri, 2006).

Às vezes, nos sonhos de gravidez, o parto/nascimento é representado como um episódio de coletivos muitas vezes arcaicos, transformação das contrações uterinas (Fornari, 1981). Eles parecem representar *um social no estado nascente*, como é a família que se reestrutura no momento da chegada de um *novo nascido*. Nesses sonhos, a criança pode ser representada como animal ou grupo de animais, e muitas vezes há grupos inimigos que guerreiam em nome dela, para tentar elaborar de forma paranoica a angústia genética e o luto associados ao parto (Fornari, 1981). Em *Thanatos e la guerra assoluta*, prefácio a *Angelo a capofitto*, nunca publicado e que surgiu na *Rivista di Psicoanalisi*, em 1958, Fornari havia formulado a hipótese, retomada várias vezes nos escritos posteriores, de que o luto impossível de elaborar e que incita a declarar guerra é o luto relativo à própria morte, inerente à vida, que habita cada instante. O pensamento de começar a morrer no exato momento em que se nasce é realmente insuportável, e por isso percebemos o nosso existir como se fôssemos apenas vivos, e imaginamos a morte como um fato totalmente externo a nós. Sentimos a vida como o bem, e a morte como o mal que temos de expulsar de nós para salvar a vida de qualquer forma e a qualquer custo, procurando culpados que devem morrer, sejam eles até mesmo os nossos filhos, ou inimigos que devem ser derrotados e aniquilados.

Portanto, a história do flautista mágico de Hamelin pode remeter a um parto/

nascimento em que as crianças-ratos podem ser salvas e postas na corrente da vida, aceitando, porém, o custo afetivo que comporta criá-las enquanto se envelhece e se morre, ou então a filhos que são sacrificados, porque na lógica do tudo-imediatamente até a morte entra em colapso no presente. Não há lugar, então, para elas porque falta uma autoridade que respeite as leis da vida e faça a comunidade-família de todos respeitá-las. Mas remete também a uma humanidade-multidão indistinta, regressiva e dependente de uma relação hipnótica (Freud, 1921), que caminha como uma sonâmbula atrás de flautistas mágicos que propõem valores alternativos, para negar a existência da morte. E, assim fazendo, coloca em risco a si mesma e ao mundo, continente de todos. Isso pode acontecer porque o amor, “compreendido como potência natural criadora de valores pode ser afastado e posto contra eles como uma potência estrangeira inimiga” (Fornari, 1985, p. 154). E o desejo do bem pode ser explorado “de acordo com a vontade de poder” (*Ibid*, p. 13).

Só o fato de poder considerar a enorme crise por que atravessa a nossa sociedade doente um grande trabalho de parto (*travaglio*), do qual pode nascer algo de novo, nos ajuda a ter esperança. E talvez a psicanálise possa contribuir para ver e procurar acolher o novo, tentando ler o sonho e o pesadelo que aos poucos atravessam a vida coletiva, e ajudando a confrontá-lo com a tarefa de vida que nos foi dada.

Em análise, procuramos responder à *transferência para o obstetra* (Fornari, 1981), sempre presente no esforço do paciente, através da *função gestante* sustentada pela capacidade negativa e a *função obstétrica* que sabe perceber como fato selecionado os pequenos movimentos novos que continuamente nascem (Leonelli Langer, 2005). Da mesma forma, talvez possamos ajudar os grupos, as instituições e as coletividades a reconhecerem os poderes de decisão inconscientes que as atravessam, gerando conflitos que correm o risco de explodir. Talvez possamos ajudar a transformar em responsabilidade a *suposta culpa de morrer*, e a transformar em família humana, por meio da paranoia primária, a massa anônima da multidão. Poderemos nessa família nos sentir irmãos, filhos igualmente adotados e amados na nossa criaturalidade natural, capazes de amar e responsáveis por cuidar, com a ajuda do amor paterno, da mãe terra.

Poderemos, então, como crianças diante do Oceano, brincar agradecidos e confiantes *na praia dos mundos sem fim* (Tagore), conscientes de que o nosso falar do Amor é semelhante a tentar colocar o mar em um buraco com a ajuda de um pequeno baldinho, como fazia o menino que Sant’Agostinho encontrou na praia. Por fim, “Redescobrir a alma é na verdade uma passagem obrigatória para redescobrir o amor [...] no caminho da nossa vida, que vai do nascimento à morte,

e quem sabe, talvez, por que não?, por que sim?, ainda além da morte” (Fornari, 1984, p. 199). □

Abstract

Over there where love is born. Reflections based on Franco Fornari’s thinking

This work aims to reflect upon love based on a new reading of Franco Fornari’s thinking in the light of his most recent theorization, which identifies in the intrauterine life and in the delivery/birth the origin and the core of psychic life in all its manifestations. From this perspective, love can be understood as a strong driving force, expression of the soul, that through continuous transference movements impels us since birth to look for the good once experienced in the uterus, by symbolizing it and trying to re-live it through every experience. Love is translated in endless ways and operates towards the present and the future, directed at one’s own life, at the other and at humanity. For this to happen, the paternal function is expected to bear the violence and the pain experienced during labor and delivery through the activation of primary paranoia, by attributing them a sense and a meaning and guaranteeing that separation exists because of life. Indeed, violence and hatred that frequently obstruct love experience originate from the failure of primary paranoia and from the permanence of an unconscious feeling of guilt associated to the difficulty in accepting that even though life and death are given together, everybody is born to live.

Keywords: love, intrauterine life, delivery-birth, violence, death, primary paranoia, *cognitive repression*, *coínemes*, affective codes, soul.

Resumen

Allá donde el amor nace. Reflexiones a partir del pensamiento de Franco Fornari

En este trabajo se plantea una reflexión sobre el amor a partir de una relectura del pensamiento de Franco Fornari a la luz de su última teorización, en la que identifica en la vida intrauterina y en el parto-nacimiento el origen y base de la vida psíquica en todas sus manifestaciones. Desde esa perspectiva, el amor se puede entender como la poderosa fuerza motriz, la expresión del alma que, por medio de movimientos continuos de transferencia, nos impulsa desde el nacimiento a

buscar el bien experimentado en el útero, simbolizándolo y procurando revivirlo por medio de cada experiencia. Eso se traduce de infinitas maneras y actúa mirando al presente y al futuro en función de la propia vida, del otro y de la humanidad. Para que eso pueda suceder, es necesario que, por medio de la activación de la paranoia primaria, la función paterna contenga la violencia y del dolor vividos en el trabajo de parto (*travaglio*) y en el parto-nacimiento. Dicha función debe darles un significado y un sentido, asegurando que la separación existe en función de la vida. De hecho, la violencia y el odio, que a menudo obstruyen la experiencia amorosa, se originan en el fracaso de la paranoia primaria y en la permanencia de una sensación de culpa inconsciente asociada a la dificultad de aceptar que, aunque vida y muerte se den al mismo tiempo, todos nacen para vivir.

Palabras clave: amor, vida intrauterina, parto-nacimiento, violencia, muerte, paranoia primaria, *repressão cognitiva*, *coinezas*, códigos afectivos, alma.

Referências

- Bertolini, M. (a cura di). (1984). *La nascita psicologica e le sue premesse neurobiologiche*. Roma: Atti del Congresso IES Mercury Edit.
- Bion, W. R. (1962). *Apprendere dall'esperienza*. Roma: Armando Editore, 1972.
- Bion, W. R. (1963). La griglia. In F. Bion (a cura di) & W. Bion, *Addomesticare pensieri selvatici. Tre inediti*. Milano: Franco Angeli, 2012, pp. 17-36.
- Bion, W. R. (1971). *Esperienze nei gruppi*. Roma: Armando Editore.
- Bion, W. R. (1975). *Memoria del futuro. Il sogno*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1993.
- Bion, W. R. (1997). Senza titolo. In F. Bion (a cura di) & W. Bion, *Addomesticare pensieri selvatici. Tre inediti*. Milano: Franco Angeli, 2012, pp. 39-69.
- Borgogno, F. (2004). Introduzione. In *Essere neonati*, (pp. 7-13). Roma: Borla.
- De Simone, G. (2002). *Le famiglie di Edipo*. Roma: Borla, 2002.
- Di Martino, C. (2012). «L'evento e il vivente. In Jacques Derrida». *Dialegesthai. Rivista telematica di filosofia* [in linea], anno 14 (2012) [inserito il 10 luglio 2012], disponibile en <http://mondodomani.org/dialegesthai/>.
- Duerrenmat, F. (1985). *Il Minotauro*. Milano: Marcos y Marcos, 1987.
- Fachinelli, E. (1983). *Claustrofobia*. Milano: Adelfi, 1998.
- Ferenczi, S. (1974). *Thalassa*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1993.
- Fornari, F. (1963). *La vita affettiva originaria del bambino*. Milano: Feltrinelli.
- Fornari, F. (1964). *Psicoanalisi della guerra atomica*. Milano: Ed. di Comunità.

- Fornari, F. (1966a). *Nuovi orientamenti della psicoanalisi*. Milano: Feltrinelli.
- Fornari, F. (1966b). Nota sul rapporto d'oggetto adolescenziale. In C. Cristiani (a cura di), *Quattro saggi per crescere*. Milano: Unicopli, 1997.
- Fornari, F. (1966c). *Psicoanalisi della guerra*. Milano: Feltrinelli.
- Fornari, F. (1969). *Angelo a capofitto*. Milano: Rizzoli.
- Fornari, F. (1975). *Genitalità e cultura*. Milano: Feltrinelli.
- Fornari, F. (1978). Violenza e potere. Intervista con F. Basaglia. In *La violenza*. Firenze: Vallacchi.
- Fornari, F. (1979). *I fondamenti di una teoria psicoanalitica del linguaggio*. Torino: Boringhieri.
- Fornari, F. (1981). *Il codice Vivente*. Milano: Boringhieri.
- Fornari, F. (1982). I segni del Sé e il Sé originario. In Atti Congresso *La nascita psicologica e le sue premesse neurobiologiche*. Milano: IES Mercury Editore.
- Fornari, F. (1983). *La lezione freudiana*. Milano: Feltrinelli.
- Fornari, F. (1984). *La riscoperta dell'anima*. Milano: Laterza.
- Fornari, F. (1985). *Carmen adorata*. Milano: Longanesi.
- Fornari, F. (2005a). La nascita psichica. In *Rivista di Psicoanalisi*, LI, 1, p. 181-190. In *Il pensiero psicoanalitico italiano. Maestri, idee e tendenze dagli anni 20 ad oggi*. Milano: Franco Angeli, 2017.
- Fornari, F. (2005b). Il sogno durante la poppata e il transfert onirico. *Rivista di Psicoanalisi*, LI, 1 pp. 191-199.
- Freud, S. (1921). Psicologia delle masse e analisi dell'Io. *Opere* (Vol. 9, pp. 261-330), Milano: Boringhieri, 1977.
- Gibran, K. (1923). *The prophet*. Trad. It. O profeta. Milano: Guanda, 1980.
- Grinberg, L. (1971). Colpa e depressione. Milano: Formichiere, 1978.
- Klein, M. (1959). *On loneliness*. Copenhagen: XXI Congresso IPA 1959.
- Leonelli Langer, L. (2005). Psicoanalisi come levatrice: per una nascita psichica reciproca di bambino e genitore. Riflessioni a partire dal pensiero di F. Fornari sul parto-nascita. *Rivista di Psicoanalisi*, X(1): 45-68.
- Leonelli Langer, L. (2006). Di generazione in generazione. La trasmissione del sapere psicoanalitico traduzione e traslazione. *Rivista di Psicoanalisi*, LII(1):149-164.
- Leonelli Langer, L. (2014). Nati per vivere. Le radici corporee dell'anima. Atti XVII congresso SPI *All'origine dell'esperienza psichica. Divenire soggetti*. Milano, pp. 34-37.
- Nancy, J. L. (2016). *Del sesso*. Napoli: Cronopio.
- Vallino, D. & Macciò, M. (2004). *Essere neonati*. Roma: Borla.

Recebido em 20/12/2017

Aceito em 10/01/2018

Tradução de **Patrizia Cavallo**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Lidia Leonelli Langer
Via Vigevano 10
20144 Milano – Italia
e-mail: lidia.leonelli@gmail.com

© *Lidia Leonelli Langer*
Versão em português da *Revista de Psicanálise – SPPA*